

# CINEMA COLONIAL

**A** Colónia de Angola, apesar do ruído que, por vezes, se tem feito em sua volta, ainda é um país pouco mais que desconhecido, se atendermos às extraordinárias características que a distinguem, de entre todas as colónias de África.

Cinegrafia já publicou uma interessante fotografia de um dos documentários realizados pelo sr. Antunes Mala naquela nossa fértil e rica possessão.

Interessante é comunicarmos hoje aos nossos leitores algumas impressões colhidas na pesca da baleia por este organizador da «Missão Cinematográfica a Angola».

Eram 11 e meia da noite quando chegámos à pequena ponte da estação baleeira de Baía Amélia; a claridade dura das lâmpadas eléctricas do alto dos postes alternava com as sombras escuras das construções; tudo estava silencioso; o «Lobito», fundeado a duas amarras, devia levantar à meia noite, e balouçava-se adormecido; chamámos. Uma embarcação veio buscar-nos. O comandante, um escandinavo baixinho e louro, de bigode tosquido e cara redonda, recebeu-nos com amabilidade e ofereceu-nos o seu camarote. Era um pequeno compartimento, ocupado, além do heliche e dum sofá, pela mesa de trabalho do comandante, onde estava estendida uma carta inglesa da costa de Angola, sulcada de linhas rectas traçadas a lapis, obscurecida por uma camada de sujidade; era o unico alojamento da ponte; a tripulação acomodava-se sob a coberta. Depois de acomodadas as nossas bagagens, fomos para a ponte respirar a brisa fresca do largo; a faina aumentava; pouco depois sentiu-se o trepidar da máquina, e começávamos a virar.

No largo, a brisa refrescou; uma ondulação larga começou a balançar o barco, ora de popa à proa, ora de ombordo a estibordo, com um ritmo pouco promissor. Conservei-me na ponte, olhando o esmalto da lua sobre as águas, e tentando diagnosticar certos estrequecimentos suspeitos, que de vez em quando me assaltavam as entranhas. Não se pode dizer que passámos a noite tranquilamente; o meu companheiro, enterrado ferozmente nas almofadas, resistiu com heroísmo; eu, descansei por fim um pouco, pela madrugada, depois de sucessivas fugas apressadas à borda. Depois de algumas horas de navegação, o barco parou; verifiquei depois que era uma medida de economia — de noite não se pescam baleias.

Quando começou a romper o dia, a máquina retomou a faina; via-se através da porta aberta, aparecer e desaparecer o horizonte; as vagas tinham um tom acinzentado.

Durante o dia, o capitão não achou baleias, e, com franqueza, fez liena, porque tenho as minhas dúvidas de que a Exposição de Sevilha tivesse ganho alguma coisa com semelhantes achados... De vez em quando, entrava no heliche, media distancias a compasso sobre a carta e traçava mais linhas à régua; depois bebia duma garrafa de água e golos espagados. Às vezes numa linguagem incerta fazíamos-lhe perguntas, mas a sua resposta continuava invariável: «no baleias».

Quando acabou o primeiro dia da campanha, ficámos de novo boiando à toa; o balanço era menos violento. Acordámos, já o dia tinha rompido; uma melhor disposição levantou-nos um pouco o moral; de momento, resolvemos enfrentar resolutamente o infalível «little coffee», que não tardou a aparecer. Um jejum absoluto de 24 horas modificou um pouco, as opiniões mais endurecidas, e para mais, dois ovos tentadores, embelezavam desta vez o cenário.

Eram dez horas da manhã quando um diálogo animado, do alto da gávea, nos anunciou qualquer coisa de anormal; logo

a seguir o comandante irrompia triunfante: «baleia!».

Saltámos recessos dos beliches; cá fóra havia um sol pálido, o mar estava quasi sereno; uma nuvenzinha de vapor, levantava-se e desaparecia a espaldas, a duzentas braças pela proa; o próprio comandante manobrava a roda do leme. Marujos surgiam das escotilhas e encostavam-se à borda; o vapor começou a assobiar nos guinchos; tudo estava pronto, a tripulação colocava-se nos seus postos sem pressa. Já a baleia marchava a 30 metros, mostrando de vez em quando o dorso cinzento, quando o comandante entregou a roda do leme, e foi colocar-se junto do canhão, na plataforma da proa. É uma espécie de obuz, movel, sobre um suporte a cardan, carregado de pólvora; o arpão, uma pesada peça de 50 quilos, armada de garras articuladas entra na alma da peça, e assenta sobre uma hacha de estôpa, fortemente batida; as garras do arpão unem ao corpo amarradas por fios de canhamo, e a ponta deste, é constituida por uma peça de ferro fundido, enroscada sobre um percutor, carregado de pólvora, destinada a rebentar no bojo do animal. O arpão prende-se a um forte cabo de canhamo, enrolado e ligeiramente preso, sobre um disco de ferro, circular e inclinado, por baixo da peça. Via-a emergir, e desaparecer de novo, o dorso do animal, a 10 ou 12 metros apenas; o capitão, manobrando o canhão, vigiava atentamente as águas, raziando a régua de pontaria. De repente, um estampido fez estremecer o barco; uma nuvem de fumo e de fragmentos de hacha, envolveu a proa; o capitão berrou uma ordem na sua lingua incompreensível; o barco parára completamente; homens apressados batiam de novo a estôpa dentro do canhão; a baleia desaparecera. Tinha-se dado um acontecimento anormal — vimos-lo depois — o capitão errara o alvo!

Carregada apressadamente a peça, o barco recomeçou a mover-se muito lentamente; todos os olhares pesquisavam o mar, em volta do barco; passados momentos surgia de novo a pequena nuvem de vapor a duzentos metros; o timoneiro virou rapidamente, e o barco de novo diminuiu o andamento; aproximamo-nos com precaução; a baleia, extraordinariamente mansa, dei-

xou-se aproximar de novo, e, desta vez, o arpão atingiu o alvo. Viu-se o cabo correr veloz no ar, como um reptil; um cachão amarelo, e logo a seguir sangrento, manchou a superfície das ondas; o cabo da plataforma, prolongado por uma grossa amarra, continuava a correr do porão, cada vez mais lentamente, demorado por uma propositada resistencia. A baleia appareceu a 50 metros, meio adormada, soprando com força; através da água via-se o cabo reflexado do arpão; de vez em quando, numa convulsão, espadanava a água furiosamente; os guinchos começaram lentamente a enrolar o cabo. A ferida não era mortal e o cetáceo debatia-se furiosamente, sentindo-se arrastado; um novo tiro ressoou; ouviu-se o ruído sordo da explosão dentro do animal, e o mar coloriu-se de vermelho, numa larga mancha. Passado um quarto de hora, o navio retomava a marcha, levando pendente do costado, a sua primeira presa. O vigia da gávea pesquisava de novo o horizonte.

Antes do meio dia um novo cetáceo veio fazer companhia ao primeiro; tinha sido abatido, desta vez, por um tiro certo, que a matou quasi instantaneamente, esfacelando-lhe os pulmões. Enquanto agonizava, expelia jactos de sangue, que se pulverisavam num vapor rubro, tingindo-lhe a cabeça.

Havia agora abundancia de baleias; às vezes viam-se, simultaneamente, nuvenzinhas reveladoras em vários pontos do horizonte.

Um grupo de seis baleias, marchando em linha, começou a ser perseguido pelo vapor. Viam-se-lhes apparecer os dorsos, e mergulhar, de novo, lentamente, após a respiração. De repente, já a 100 metros do barco, desapareceram de todo. Só passados mais de um quarto de hora se avistaram, a mais de um kilometro ao largo; o «Lobito» apanou de novo, mas a scena continuaria a repetir-se indefinidamente se o baleeiro não tivesse desistido, para perseguir outras baleias, assinaladas mais perto.

Cada já a tarde, quando novo tiro foi disparado; a baleia, mal atingida, debatia-se furiosamente, e o navio era arrastado lentamente pelo cetáceo, enquanto o grosso

(Continua na página 20)



O comandante do «Lobito», fazendo a pontaria com o arpão colocado à proa



# de todo o mundo

## FRANÇA

Inkischinoff, o actor mongol interprete de *Tempestade na Ásia*, tem o primeiro papel da nova produção francesa *Le Capitaine Jaune* (O capitão amarelo), ao lado de Charles Vanel, Camille Bardou, André Vernon, J. F. Martial e Kiki. A filmagem deverá ter sido iniciada, nos primeiros dias deste ano, em Marselha, sob a direcção de Sandberg.

● *La vie n'est pas un roman* (A vida não é um romance), é o filme sonoro que Henry Bousset realizará muito em breve.

● Adolph Menjou, completamente restabelecido da pequena intervenção cirurgica a que se submeteu, já começa trabalhando no seu primeiro filme francês *Mon gosse de père*.

● Colette Darfeuil foi contratada por Abel Gance, a fim de desempenhar um papel importante em *La Fin du Monde* (O fim do mundo).

● Nicolas Rimsky, que ainda há pouco tempo vimos no Odéon e que interpreta o primeiro papel de *Porque te amo*, vai trabalhar, agora, num pequeno filme de «l'avant garde».

● Somente na próxima primavera começará Pierre Chenal a realização do novo filme *Balir*.

● O proximo filme realizado por Gaston Ravel chamar-se-á *L'étrangère*. É uma produção sonora com duas versões, uma francesa e outra alemã.



Beno Tobi no filme *Cala* que Léon Poirier está realizando em Madagascar

## ULTIMA HORA

### ALEMANHA

● Reinhold Schünzel vai adaptar ao cinema o romance de Guy de Maupassant, «Boule de Suif».

● Anuncia a Hisa-Film, de Berlim, a filmagem de uma grande produção *Saleika* — que, em França, deverá ser intitulada *A Cigana de Stambul*. Trata-se de um filme sonoro.

● *Wiener Lied* (A canção vienense) é o filme que Geza von Bolvary vai realizar para a Super-Film.

### AMERICA

● Al. Jolson foi contratado pela «United Artists», devendo começar a trabalhar nesta firma a partir de Abril. Diz-se que Al. Jolson não voltará a trabalhar em «music-halls», ou teatros.

● A produção de filmes sonoros, durante o corrente ano, está avaliada, nos Estados Unidos, em 830 produções.

### INGLATERRA

Entre a casa italiana Pittaluga e a British International Pictures foi assinado um acordo para a realização de produções anglo-italianas, devendo as filmagens fazer-se em Londres e Roma.

● A «Gaumont British» perdeu o processo que a «Peterson-Poulsen», de Copenhague, havia intentado contra ela.

## Quere ir para o cinema?...

intenção de lhe fazer bem, entendo que, ainda sobre o assunto, devo recomendar-lhe ferverosamente que se acantele com as grandes inteligencias. Isso só não basta para chegar ao fim. É preciso estarmos bem identificadas e querer apaixonadamente a nossa arte. O talento é saber-se entregar no trabalho empreendido com o abandono mais absoluto, mais ardente, mais apaixonado do que ao próprio amor!

Não sei quais possam ser as suas impressões lendo as minhas, mas tenho a certeza que, depois de considerar demoradamente tudo quanto lhe digo, há de chegar a uma conclusão. Eu ofereço-me, ainda e sempre, com a mesma simplicidade com que lhe escrevo para lhe demonstrar quanta simpatia, apesar de tudo, consagro às senhoras que, como eu, amam a arte do silêncio.

Como distintivo das suas fadigas, traga no pensamento a ideia de futuras glórias; trabalhe com firmeza e coragem; desenvolva o pensamento; confie no seu valor, mas não olhe nunca para impossíveis, porque no dia em que o fizer e compreenda que não o pode atingir, para, chega o seu fim: a desilusão para si, como para todos, será muito grande.

Versão de: J. Torres de Carvalho.

## CINEMA COLONIAL

(Continuação da pagina 17)

cabo ia cedendo lentamente. Foi preciso um novo tiro para acabar com o creboque.

A quarta baleia, arpoada quasi a seguir, foi acabada a golpes de lança, pelos tripulantes, debruçados da amurada, armados de longos ferros; os ferros cortantes penetravam no corpo do animal com um leve ruído, como se cortassem a casca de uma melancia, e deixavam pequenas fendas, por onde o sangue corria.

Era quasi sol posto, e as aguas coalhavam-se de reflexos metálicos, sob os raios razantes do sol, quando uma comprida fila de nove baleias foi avistada, marchando alinhada, aparecendo e desaparecendo em ritmo, numa parada singular. O navio aproximou-se sem alarme; vieram-se-lhes nitidamente as grossas narinas, por onde o vapor de agua saía em jactos. Num momento quatro ou cinco moles cinzentas surgiram de ambos os lados da proa; ouviu-se um novo tiro, e novamente o cabo saltou no ar como uma serpente. A baleia surgiu á tona a 50 metros, mas, coisa estranha, parece que mais do que uma baleia tinha sido arpoada; surgiram dois corpos, depois três, e enfim, uma confusão de monstros agitando-se em

volta da baleia atingida, numa camaradagem, numa solidariedade para com o animal ferido, singulares; os animais evoluíram por momentos, tentando arrastar o companheiro, e, por fim, um a um, foram desaparecendo até retomarem, mais longe, a sua formatura. Mais uma baleia ia sendo vagarosamente amarrada; a quinta e ultima do *raid*.

O «Lobito» aprou a Baía Amélia; amparado agora pelos cinco animais arrastados, bulouçava menos, e depois de uma noite tranquilo, fundeámos no dia seguinte, ás 11 horas, na Estação, satisfeitos, afinal, com a nossa pesca.

Já tivemos ocasião de ver alguns dos documentários: — são interessantíssimos e dignos de serem vistos por todos os portugueses.

Alguns destes filmes serão, dentro de pouco tempo, exibidos. Felicitamos o sr. Antunes Maia pela excelente realização dos filmes e muito lhe agradecemos o ter-nos facilitado algumas das suas impressões, colhidas in loco, no momento da realização do filme...